

I

Dickens é um daqueles escritores que vale a pena roubar. Se pensarmos bem, até o seu enterro na Abadia de Westminster foi uma espécie de roubo.

Quando Chesterton escreveu os seus prefácios às obras de Dickens publicadas nas edições Everyman, pareceu-lhe bastante natural atribuir-lhe a sua própria noção profundamente idiossincrática de medievalismo, e, em tempos mais recentes, um autor marxista, o Sr. T. A. Jackson¹, fez vigorosos esforços para transformar Dickens num feroz revolucionário. O marxista pretende defini-lo como “quase” marxista, o católico pretende defini-lo como “quase” católico, e tanto um como o outro declaram-no defensor do proletariado (ou “dos pobres”, como Chesterton teria dito). Por outro lado, Nadejda Krupskaja, no seu pequeno livro sobre Lénine, conta que, já nos seus últimos anos de vida, Lénine foi assistir a uma versão encenada de *The Cricket on the Hearth* e, tendo achado o “sentimentalismo de classe média” de Dickens de tal modo insuportável, acabou por abandonar a sala a meio de uma cena.

1 T. A. Jackson, *Charles Dickens: The Progress of a Radical*, 1937. (N. E.)

Assumindo que “classe média” tem aqui o significado que se esperaria que Krupskaja desse ao termo, esta opinião estará provavelmente mais próxima da verdade do que as de Chesterton e de Jackson. Contudo, vale a pena notar que a aversão a Dickens implícita neste comentário é algo de atípico. Já muita gente o achou intragável, mas são muito poucas as pessoas que terão sentido uma verdadeira animosidade contra o espírito geral da sua obra. Alguns anos depois, o Sr. Bechhofer Roberts publicou um ataque declarado a Dickens em forma de romance (*This Side Idolatry*), mas foi de um ataque meramente pessoal, incidindo sobretudo no modo como Dickens teria tratado a mulher. Essa obra tratava de incidentes de que nem uma só pessoa em mil poderia ter sequer ouvido falar, incidentes esses que invalidam tanto a obra de Dickens quanto o facto de Shakespeare ter deixado a sua segunda melhor cama à esposa inválida *Hamlet*. Tudo o que o livro conseguiu realmente demonstrar foi que a personalidade literária de um escritor pouco ou nada tem que ver com o seu carácter privado. É bastante possível que, em privado, Dickens fosse precisamente o género de egoísta insensível que o Sr. Bechhofer Roberts deixa transparecer ao descrevê-lo. Porém, na sua obra publicada, há uma personalidade implícita que resulta muito diferente, uma personalidade que lhe granjeou muito mais simpatizantes do que inimigos. Poderia ter-se dado o caso contrário, já que, mesmo que Dickens fosse um burguês, não há dúvidas de que era também um escritor subversivo, um radical, alguém de quem se poderia dizer com exatidão que era um rebelde. Qualquer pessoa que conheça bem a sua obra terá já sentido isto. O próprio Gissing, por exemplo, o melhor dos comentadores de Dickens, era tudo menos radical, e não aprovava de todo esta tendência de Dickens, desejando que ela não estivesse presente na sua obra, embora nunca lhe tivesse

ocorrido negá-la. Em *Oliver Twist*², *Hard Times*³, *Bleak House*⁴ e *Little Dorrit*, Dickens atacou as instituições inglesas com uma ferocidade que desde então nunca mais voltou a ser igualada. Ainda assim, foi capaz de fazê-lo sem se tornar alvo de ódio, e, mais importante ainda, as próprias pessoas que atacou assimilaram-no tão completamente que ele próprio acabou por se tornar uma instituição nacional. Perante Dickens, o público inglês adotou sempre uma postura um tanto parecida com a do elefante que, ao levar umas bengaladas, sente apenas umas cócegas agradáveis. Antes dos meus dez anos, já os mestres-escola me empanturravam com Dickens, mestres-escola esses em quem conseguia discernir fortes parecenças com o Sr. Creakle, e é também sabido que os advogados se deliciam com a personagem do sargento Buzfuz e que *Little Dorrit* é sempre uma das obras prediletas no Ministério do Interior. Dickens parece ter conseguido atacar toda a gente sem antagonizar ninguém. Naturalmente, isto leva-nos a questionar se, afinal de contas, não terá havido algo de irreal no seu ataque à sociedade. Qual é exatamente o seu posicionamento em termos sociais, morais e políticos? Como de costume, será mais fácil definirmos esse posicionamento se começarmos por definir aquilo que ele não era.

Em primeiro lugar, e ao contrário do que *messieurs* Chesterton e Jackson parecem insinuar, um escritor “proletário”. Para começar, ele não escreve sobre o proletariado, e nesse aspeto assemelha-se apenas à grande maioria dos romancistas do passado e do presente. Se nos pusermos à procura das classes operárias na ficção, especialmente na ficção inglesa, a única coisa que iremos encontrar é uma grande lacuna.

2 Charles Dickens, *Oliver Twist* (trad. e posf. Paulo Faria), Relógio D'Água, 2018. (N. T.)

3 Charles Dickens, *Tempos Difíceis* (trad. Daniel Jonas), Relógio D'Água, 2016. (N. T.)

4 Charles Dickens, *Casa Sombria* (trad. Mário Domingues e Helder Guêguês), E-Primatur, 2018. (N. T.)

Esta afirmação requer, talvez, algumas reservas. Por razões que serão certamente fáceis de identificar, o trabalhador rural (um proletário, em Inglaterra) é bastante representado na ficção, e já muito se escreveu acerca de criminosos, sem-abrigo e, mais recentemente, sobre os intelectuais da classe operária. Mas o proletariado urbano comum, ou seja, aqueles que trabalham diretamente com as máquinas, foi quase sempre ignorado pelos romancistas. Quando se dá o caso de essas pessoas irem parar às páginas de um livro, é quase sempre na condição de personagens que inspiram piedade ou servem de interlúdio cômico. A ação principal das histórias de Dickens ocorre quase invariavelmente em ambientes de classe média. Se analisarmos ao pormenor os seus romances, percebemos que o seu verdadeiro tema é a burguesia comercial londrina e todos os seus sequazes — advogados, escrivães, negociantes, estalajadeiros, pequenos fabricantes e criados. Dickens não faz nenhum retrato do trabalhador rural, e nas suas obras só há um trabalhador industrial representado (Stephen Blackpool, em *Hard Times*). Os Plornish, que surgem em *Little Dorrit*, são provavelmente o melhor retrato que ele faz de uma família da classe operária — dificilmente se pode dizer que uma família como os Peggotty, por exemplo, pertence a tal classe —, mas, de uma maneira geral, Dickens não é muito bem-sucedido ao retratar este género de personagens. Se perguntarmos ao leitor médio quais são as três personagens proletárias de Dickens que lhe acodem à memória, o mais certo é que acabe por mencionar três: Bill Sykes, Sam Weller e a Sra. Gamp. Um ladrão, um criado e uma parteira bêbeda — o que não é propriamente uma amostra representativa da classe operária inglesa.

Em segundo lugar, Dickens não é um escritor “revolucionário” na aceção comum da palavra. Neste caso, porém, será necessário definir melhor a sua posição.

Dickens pode ter sido muitas coisas, mas não foi certamente um daqueles pregadores dissimulados, o género de idiota bem-intencionado que acha que o mundo pode ser perfeito se conseguirmos alterar alguns regulamentos e abolir umas quantas anomalias. Vale a pena compará-lo com Charles Reade, por exemplo. Reade era um homem muito mais bem informado do que Dickens e, em alguns aspetos, mais dedicado ao bem comum. Tinha um verdadeiro ódio aos abusos que conseguia discernir, e chegou a denunciá-los em romances que, por muitos absurdos que possam conter, são extremamente interessantes de ler, e provavelmente ele terá também contribuído para mudar a opinião pública a respeito de uns quantos aspetos menores, se bem que importantes. Porém, ultrapassava-o completamente o facto de que, dada a organização vigente da sociedade, era impossível remediar certos males. Peguemos num ou noutra abuso menor, denunciemo-lo, tratemos de o arrastar para a esfera pública e expô-lo a um júri britânico, e então tudo ficará bem, é assim que ele vê as coisas. Dickens, pelo menos, nunca imaginou que a cura para as borbulhas passasse por cortá-las. Em cada página da sua obra, é notória a consciência de que há algo de errado, de raiz, na sociedade. É só quando perguntamos “Que raiz?” que começamos a compreender melhor a sua posição.

A verdade é que a crítica que Dickens faz à sociedade é quase exclusivamente de ordem moral. Daí a total ausência de propostas construtivas na sua obra. Ele ataca a lei, o governo parlamentar, o sistema educativo e por aí adiante, tudo isto sem avançar alternativas claras para os mesmos. Claro que não cabe necessariamente ao romancista ou ao satirista fazer sugestões construtivas, mas a questão é que, no fundo, a postura de Dickens não chega sequer a ser destrutiva. Não há nenhum indício claro de que ele deseje ver a ordem vigente derrubada ou de que ele acredite que faria uma grande